

CORES, CHEIROS E SABORES: A MULHER EM CORA CORALINA

Jailma da Costa Ferreira - UEPB

jailma.jdf@gmail.com

Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves - UEPB.

analiteraturasouza@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo analisa o poema "Todas as vidas", de Cora Coralina. Para tanto, recorreremos a discussão de gênero e de identidade. O trabalho justifica-se pelo fato de objetivarmos trazer para a visibilidade a produção literária de autoria feminina que, ao longo de séculos, foi parcialmente silenciada pela tradição cultural patriarcal. O objetivo principal é a recuperação e o reconhecimento da produção da poetisa Cora Coralina no contexto nacional, vinculando este estudo às discussões sobre gênero, mulher(es) e literatura(s). Na abordagem elegemos, nesse sentido, o gênero como categoria de análise. Nossa metodologia consiste na leitura analítica do poema selecionado. Para fundamentamos as discussões, recorreremos as contribuições de Duarte (2008), Hall (1996), Telles (2010), dentre outros. A partir da análise, evidenciamos de que forma a poetisa tematiza sobre a "mulher proletária", discussão já abordada na tradição modernista por escritores como Jorge de Lima, e que, a nosso ver, em Cora é criativamente revisitada.

Palavras-chaves: Cora Coralina. Poesia. Mulher proletária.

ABSTRACT

This article analyses the poem 'Todas as vidas' by Cora Coralina. To do so, we discuss identity through Start Hall's (1999) perspective from which we saw the way the poetess thematizes about the "proletarian woman" discussed in the modern tradition by some writers like Jorge de Lima. In our point of view, Cora is creatively revisited. Cora goes after the woman of the people, the woman who invents herself, who undo and rebuild herself. To a better understanding of her poetry, we show some of her history and also in a concise way, the history of a reader woman in Brazil's literary life. To do so, we resort on textual approach as the methodological resource. As theoretical background we have Antonio, (2002), Brandão (2003), Machado (2010), Telles (2010) and Lajolo e Zilberman (--).

Key-words: Cora Coralina. Poetry. Proletarian Woman.

Introdução

Numa ânsia de vida eu abria
O vôo nas asas impossíveis do sonho.
(Cora Coralina)

Para a conquista de espaço na sociedade, a mulher sofreu, lutou e persiste lutando por melhores espaços. Foi preciso enfrentar obstáculos e quebrar barreiras, rompendo com preconceitos que imperavam na sociedade patriarcalista, enfrentando a própria família e a sociedade em geral. Assim foi com as mulheres europeias do século XVIII e as brasileiras dos séculos XIX e XX.

A poesia de Cora nos faz mergulhar no âmago da mulher, visitando assim a essência de cada uma, tornando belo e poético a vida simples da mulher proletária.

Realizamos neste artigo uma reflexão da heterogeneidade que forma a identidade das diversas mulheres no poema *Todas as vidas*. O poema retrata por meio de imagens que evocam cores, cheiros e sabores aspectos históricos e culturais destas mulheres.

Rompendo preconceitos, a poesia de Cora celebra as raízes brasileiras e enaltece a mulher simples e trabalhadora, a mulher que em meio às lutas está sempre disposta, “fingindo alegre seu triste fado”.

De acordo com estudiosos como Duarte (2008), a mulher vem conquistando espaço na sociedade de forma paulatina. Há vários nomes em grandes batalhas, muitas quedas e vagarosas conquistas. Essa aquisição de espaço inicia-se dentro de casa com a alfabetização das senhoras, que passam a ler, além de leituras sacras, também romances.

Com o início da modernidade nasce à mulher leitora, em grande parte, mulheres burguesas. A partir de então, os romances passam por significativas mudanças, visto que o perfil do público leitor também havia mudado. A mulher começa a tomar parte nas tarefas de casa, na educação dos filhos. A educação das crianças e das mulheres



burguesas teve início no século XVII, essas mudanças só vieram acontecer no Brasil por volta do século XIX. As mulheres eram educadas para se tornar a rainha do lar, boa esposa e mãe, aprendiam a ler e a escrever, e isso já era o bastante:

[...] o universo da mulher brasileira é dos mais restritos, no que, aliás, se afina bastante à sociedade em que vive. Ilustrada na maioria dos casos, a mulher brasileira faz parte de um mundo para o qual o livro, a leitura e a alta cultura não parecem ter maior significado (LAJOLO & ZILBERMAN, 1998, p. 245-246).

Como afirmam Lajolo e Zilberman, a maior parte das mulheres brasileiras era iliterada, a educação dessas mulheres foi primordial para seu desempenho como leitoras, embora não pudesse deixar também de prepará-las para as tarefas de esposa e mãe. A leitura feminina era regulada pelo esposo e rigorosamente fiscalizada. O processo de leitura para a mulher foi cheia de progressos e regressos, e não de êxitos sucessivos.

Se a mulher leitora já era vista com maus olhos, imagine o que pensavam daquelas que se atreviam a escrever. Escrever era arriscar a própria integridade, aquelas que ousassem escrever eram vistas como vadias e ociosas, seus textos eram desprezíveis e plenamente desvalorizados. “O nome da mulher, tanto quanto sua pessoa, devia se manter dentro de casa” (Machado, 2010). O crescimento das cidades e a estabilização da burguesia solidificaram a educação da classe feminina, a mulher leitora se torna mais perspicaz e ousada:

A multiplicação de saraus e o aumento do número de pianos nas residências foram decisivos, também, para libertação da mulher, que começa a se torna rueira. Recatadamente amiga da rua, sempre com o indispensável anjo da guarda de sua reputação: marido, filho pequeno, mucama. Sozinha, não. Em meados da década de 1850, as senhoras mais ousadas – moças solteiras, nunca – já dispensavam companhia para fazer visitas e compras (MACHADO, 2010, p.313).

A mulher "rueira" se torna mais popular, aos poucos toma espaço nas ruas, nas casas de chás. Não demorou muito para a mulher começar a criar suas próprias histórias e escrevê-las e, também, a reivindicar e lutar por seus direitos de igualdade em relação



ao sexo oposto, as ideias da mulher europeia começam influenciar as mulheres brasileiras.

Entre os muitos nomes que se destacaram no século XIX, estão Nísia Floresta Brasileira Augusto (pseudônimo adotado por Dionísia de Faria Rocha); Narcisa Amália de Campos e Júlia Lopes de Almeida, grandes revolucionárias que lutaram pelo direito da educação das mulheres, pela igualdade entre os sexos. No entanto, as mulheres não esqueciam de que também tinham o papel essencial de ser esposa e mãe.

A partir do século XIX, as mulheres começam a publicar seus primeiros textos, usam pseudônimos, para disfarçar a sua identidade, o uso desses “falsos-nomes” eram de grande valia para que os textos tivessem a aceitação do público. Posteriormente, o pseudônimo funcionaria como referência, assinalando assim o surgimento da escritora.

As mulheres que até então escreviam em seus diários, em cadernos de receitas, “cadernos- goiabada”, como denomina Lygia Fagundes Telles, passam a publicar esses textos em jornais e revistas, posteriormente publicam seus livros. E as histórias que antes eram segredinhos de diário vão se transformando em romances e em literatura.

Assim acontece com Cora Coralina, mulher nascida no final do século XIX, faz dos seus cadernos de receitas canteiros onde planta e nasce à poesia, seus doces inspiram sua vida, bem como suas histórias e seus textos. Cora Coralina transforma sua vida em poesia, faz dela uma arte e, do seu cotidiano faz versos.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985), nascida em Goiás Velho, “mulher do povo”, aos 15 anos se transforma em Cora, desde os 14 anos Aninha já escrevia seus textos, mas só aos 76 anos de idade publica seu primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Cora Coralina estudou apenas as primeiras séries do ensino primário, no entanto sua sabedoria é de uma singeleza sem igual, a própria poetisa confessa que só veio ter contato com uma gramática quando seus filhos foram pra escola, ela confessa: “se eu tivesse de escrever pela gramática, não escreveria coisa nenhuma”. Impetuosa, corajosa, aos 21 anos de idade estando grávida foge com o



advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, rompendo com os princípios morais da época, Cantídio já vinha de um casamento, quando enviuvou casou-se com Cora.

Ousada, deixa para trás preconceitos sociais, correndo atrás de sua cidadania na política e na sociedade. Torna-se jornalista, enfermeira durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Costura bonés, uniformes e aventais. Cria manifestos em favor da formação de um partido feminino e sobe em palanques (GOTLIB, 2003, p.228).

A poetisa morou em São Paulo 45 anos, só voltou a sua cidade natal quando viúva. Seu marido faleceu em 1934 e ela votou a Goiás Velho em 1956, aos 67 anos de idade. Cora fazia doces e os vendia, escrevia seus versos, era grande contadora de histórias e destaca-se como escritora a partir da declaração feita por Carlos Drummond de Andrade. Ao ler uma de suas obras, Drummond escreve uma crônica que foi publicada no Jornal do Brasil, em 27 de dezembro de 1980.

A poetisa brasileira foi doutora *honoris causa* pela Universidade de Goiás, membro da Academia Goiana de Letras e recebeu como poeta e ficcionista o troféu Jabuti e o prêmio Juca Pato como intelectual do ano em 1984. Cora conseguiu romper tabus, cumpriu com seu papel de mãe e esposa, mas soube sair do restrito espaço destinado a mulheres.

Em seus textos fala com simplicidade da vida do povo goiano, com singeleza fala das lutas das mulheres, tomando parte em cada uma delas. Mulher do povo, sem preconceito, busca através de seus poemas lutar pelos mais pobres e excluídos. “Ela se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os” (DRUMMOND, 1980).

Metodologia

A perspectiva metodológica que norteia a produção deste trabalho fundamenta-se na abordagem da literatura, levando em consideração o texto e as condições de

produção que o envolve. Dentre estas condições, destacamos os aspectos biográficos e históricos da poetisa Cora Coralina.

Analizamos o poema “Todas as vidas” como pressuposto para refletirmos a realidade da mulher na sociedade contemporânea, percebendo qual tem sido o papel assumido por ela nos tempos modernos.

Análise dos resultados

Os textos de Cora falam de Goiás, de doces, de mulher, do povo simples. Ao ler Cora muitas imagens visuais, olfativas e sonoras vão sendo formadas em nossa mente. A poetisa traz para seus poemas a realidade, por vezes canta “o feio” nos seus versos. No poema *Todas as vidas* o feio e o belo se tornam muito relativos, pois ver a imagem da mulher, que Cora descreve, como feia ou bela depende exclusivamente dos olhos de quem a lê. A mulher, que ainda era excluída da sociedade, ganha espaço e voz nos versos de Coralina.

Sua lírica é altamente visual e imagética, a cada estrofe lida construímos a figura de uma mulher simples e guerreira. Cora faz arte da palavra, por isso sua palavra é poética, seus ditos constroem significados por meio de imagens que encantam os sentidos e ao mesmo tempo fazem refletir, problematizam a maneira de vermos a nós mesmos e o Outro.

Todas as vidas é um mergulho na realidade das mulheres brasileiras, uma visita a nossa cultura, somos inebriados pelos cheiros e sabores do cotidiano de mulheres simples, trabalhadoras, proletárias. Apesar da difícil realidade retratada, o tom não é de tristeza como em poemas do início do século XX, que abordavam sobre esta realidade. Ao contrário, canta-se o fascínio evocado pelos sons, cheiros e sabores presentes no cotidiano dessas mulheres. Na primeira estrofe do seu poema, Cora nos remete a imagem de uma mulher velha, arraigada às culturas antigas, aos velhos costumes.

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

A macumba é um termo atribuído as religiões afro-brasileiras como o Candomblé e a Umbanda. Religiões estas consideradas historicamente na sociedade brasileira de forma preconceituosa. Cora faz uso daquilo que é alvo de exclusão para fazer referência à mulher que também era vista com maus olhos. Está presente no seu poema a mulher negra com suas crenças, seus rituais, sua religião advinda dos seus antepassados escravos.

Na mulher simples/proletária não há a fragrância dos perfumes europeus, há o cheiro do trabalho, d'água e sabão, da fumaça do fogo a lenha, dos temperos usados no preparo das comidas. Há a docilidade dos quitutes, o aconchego da cozinha, o amor pela simplicidade. O cheiro dessa mulher vai aos poucos formando seu retrato.

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.
Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.

Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Cora pinta com suas palavras a pluralidade de faces e cotidianos das mulheres brasileiras excluídas e se assume, em contraponto a um sujeito fixo e centrado da modernidade, como portadora das identidades destas mulheres:

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.
Vive dentro de mim
a mulher roceira.
– Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos. Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

A nosso ver, poeticamente Cora faz refletir sobre a discussão proposta por Hall (2006) no que diz respeito à questão da descentralização das identidades, isto é, para o autor, as identidades modernas estão sendo “descentradas”, ou seja, deslocadas ou fragmentadas pelo processo de globalização:

um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais,

abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p.09).

No entanto, mas do que considerar a pluralidade das identidades, no poema o eu poético assume a diferença, as mulheres excluídas, silenciadas, tornadas invisíveis, obscurecidas pelo preconceito, pela desigualdade de direitos, respeitando a diferença, o outro:

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.

Como disse Drummond, “o verso é simples, mas abrange a realidade vária”. Assim são os versos de Coralina, dotados de simplicidade e realidade absoluta. Ela não exclui ninguém, está presente na sua poesia: “o menor abandonado, o pequeno delinquente, o presidiário, a mulher da vida” (ANDRADE, Apud, CORALINA, 2013). Cora se coloca como fazendo parte dos mais simples e esquecidos.

Conclusão

Em Cora Coralina percebemos a vivacidade da mulher proletária, mulher firme e destemida, pronta a enfrentar obstáculos e construir seus próprios caminhos. Cora elenca um novo espaço feminino, dá vez e voz àquelas que estão à margem da sociedade e nos leva a refletir sobre a mulher contemporânea.

As lutas travadas pelas mulheres do século passado ainda não cessaram, muito já foi feito, no entanto, sabemos que ainda há muito para ser conquistado. A luta não pode parar, a mulher precisa continuar lutando por espaço na sociedade, mostrando que realmente não é “um sexo frágil”, mas, pelo contrário, segue recriando como diz os versos de Coralina: “Recria tua vida, sempre, sempre”.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. In: CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10. ed. São Paulo: Global, 2013.

ANTONIO, Jorge Luiz. **Cores, forma, luz, movimento: A poesia de Cesário Verde**. São Paulo: Fapesp, 2002.

BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L.. **Refazendo nós**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10. ed. São Paulo: Global, 2013.

DENÓFRIO, Darcy França. **Cora Coralina**. 3. ed. São Paulo: Global, 2008. (Coleção Melhores Poemas).

DUARTE, Constância Lima. **Mulheres em Letras: antologia de escritoras mineiras**. Florianópolis: editora Mulheres, 2008.

HALL, Stuart.

LAJOLO, Mariza & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del. **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 401-442.